



08 A 11 DE
NOVEMBRO

Viasoft Experience
Rua Professor Pedro Viriato Parigot de Souza,
5300 - Cidade Industrial de Curitiba, Curitiba - PR



Trabalhos Científicos

Título: Abscessos Intracranianos Em Pediatria Nos Períodos Pré E Pós Pandemia Da Covid-19 Em Um Hospital Terciário

Autores: GIOVANNA PEREIRA TARDIN (INSTITUTO DA CRIANÇA - FMUSP), ELIAQUIM RIBEIRO DE OLIVEIRA (INSTITUTO DA CRIANÇA - FMUSP), MARINA GOMES PEREIRA SARDINHA (INSTITUTO DA CRIANÇA - FMUSP), ANDREIA BRAGA MOTA AZZONI (HOSPITAL DAS CLÍNICAS - FMUSP), DAIANE MARYANE CARDOSO SANTOS (HOSPITAL DAS CLÍNICAS - FMUSP), MARIA FERNANDA BADUE PEREIRA (INSTITUTO DA CRIANÇA - FMUSP), NÁDIA LITVINOV (INSTITUTO DA CRIANÇA - FMUSP), CAMILA SANSON YOSHINO DE PAULA (INSTITUTO DA CRIANÇA - FMUSP), SUELY FAZIO FERRACIOLLI (HOSPITAL DAS CLÍNICAS - FMUSP), HELOÍSA HELENA DE SOUSA MARQUES (INSTITUTO DA CRIANÇA - FMUSP)

Resumo: Abscessos cerebrais (AC) em pediatria são raros e podem ocorrer por complicação de infecção respiratória viral ou sinusite. Na literatura as taxas variam de 0,5% a 24%. Nos últimos dois anos, observou-se aumento dessas infecções globalmente. Avaliar a frequência de casos pediátricos de AC nos períodos pré e pós pandemia e comparar dados demográficos, clínicos, radiológicos, tratamento e desfechos dos casos. Análise retrospectiva de pacientes pediátricos internados em hospital universitário terciário no período de 01/01/2011 à 30/09/2023, triados pela categoria G060 do CID-10. O critério de inclusão foi AC confirmado em exame radiológico. Diagnóstico não confirmado, presença de derivação ventriculoperitoneal ou prontuário indisponível foram os critérios de exclusão. Dados demográficos, clínicos, radiológicos, tratamento e desfechos foram avaliados através de análise de prontuário. Pacientes diagnosticados antes de 30 de janeiro de 2020 foram considerados grupo pré-pandemia (A) e, após, grupo pós-pandemia (B). Para variáveis contínuas os resultados foram apresentados por mediana (valores mínimo e máximo) ou média $\pm$ desvio padrão, conforme apropriado. O teste Qui-quadrado e teste exato de Fisher foram utilizados para variáveis categóricas. Níveis de significância para todas as análises foram fixadas em 5%. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do hospital. AC foi confirmado em 28 crianças e adolescentes no período do estudo. Sendo 15 casos no grupo A e 13 casos no grupo B. A média de idade foi 7 anos no grupo A versus 11 anos no grupo B. No grupo A 11 eram masculinos e no B 9. No grupo A 73% tinham comorbidades versus 23% no grupo B. Média entre início dos sintomas e diagnóstico foi semelhante entre os grupos. Os principais sintomas foram: febre (75%), cefaleia (53%), crise convulsiva (46%), sonolência (53%). Quadro respiratório ocorreu em 25% dos pacientes (tosse e coriza). No grupo A houve identificação de *Streptococcus pneumoniae* em 2 pacientes, *Staphylococcus epidermidis* e *Streptococcus grupo viridans* um paciente em cada. No grupo B *Streptococcus anginosus* em 4 pacientes, *Staphylococcus aureus* em 4 pacientes, *Streptococcus pneumoniae*, *Prevotella intermedia* e *Klebsiella pneumoniae*, um paciente em cada. Achados radiológicos associados foram: sinusite (20% grupo A e 69% grupo B), alterações meníngeas (13% grupo A e 53% grupo B), trombose de seios venosos (ausente no grupo A e 30% grupo B), celulite facial (6% grupo A e 38% grupo B), efeito de massa por empiemas (grupo A 33% e grupo B 23%). Abordagem cirúrgica ocorreu em 89% dos casos, com reabordagem em 39%. Um óbito aconteceu no grupo A por hepatite fulminante. A frequência em AC foi 1,67 e 4,34 pacientes/ano, nos grupos A e B, respectivamente. Trombose de seio venoso foi mais frequente no período pós pandemia. Resultados do estudo incentivam a cooperação nacional e internacional para vigilância dos casos de AC e compreensão do aumento na frequência dos AC.